

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Globalização econômica, cultura material e consumo na perspectiva histórica

Rosângela de Lima Vieira*

Resumo

Com a crise ambiental planetária, conseqüência do modelo de produção capitalista, que ameaça em futuro próximo a vida humana na Terra, se faz necessário e urgente refletir como o padrão de consumo contribui para esta realidade. No estudo, em andamento, pretende-se comprovar a hipótese de que ao longo do processo histórico da expansão capitalista, ou globalização econômica, constituiu-se também um modelo de consumo que pode explicar, em parte, o momento que vivemos. A pesquisa sobre hábitos de consumo está circunscrita em produtos do vestuário, uma vez que esses caracterizam bem a velocidade e a variedade do consumismo no mundo capitalista. Na etapa atual da investigação desse fenômeno histórico, priorizou-se o período do século XV ao XVIII retratado na obra de Fernand Braudel.

Palavras-chave: globalização econômica, cultura material, consumo.

Abstract

With the environmental crisis of the planet, which threatens human life on Earth in the near future, therefore a consequence of the capitalist production model, it is necessary and urgent to reflect on how consumption standard contributes to this reality. The proceeding study is intended to prove the hypothesis that along historical process of capitalist expansion or economic globalization, a model of consumption was also established, whereby it may partly explain the moment that we are living. The research on consumption habits is limited to clothing, as these goods well feature the speed and variety of consumerism in the capitalist world. At the present investigation stage of this historical phenomena, priority was given to the period from the 15th to the 18th century that is portrayed in Fernand Braudel work.

Key words: economic globalization, material culture, consumption.

O fenômeno do aquecimento global aumenta e torna eminente o risco de catástrofes naturais aumentando. O uso de combustíveis fósseis, o desmatamento, as queimadas e a produção desenfreada de lixo estão entre as principais causas apontadas pelos especialistas. E elas são conseqüências do estilo de vida urbana, consumista e predador da natureza que os seres humanos vêm adotando nos últimos séculos de sua história.

Assim pode-se caracterizar o longo processo histórico de expansão capitalista, chamado por alguns autores de globalização e segundo outros de ocidentalização. Dada a necessidade de interface nesse estudo, entre a história econômica e a cultural, ambos os conceitos são importantes: *globalização* e *ocidentalização*, já que não se excluem e até mesmo se complementam.

* Doutora em história, professora efetiva do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp/Marília - SP.

O conceito de globalização econômica utilizado aqui, como processo histórico de longa duração, exige a concomitância de análises estruturais e conjunturais. Esse fenômeno apresenta elementos advindos do longo processo histórico de constituição do capitalismo, ou seja, com permanências de longa duração. Um bom exemplo é a necessidade constante de expansão do capitalismo para assegurar suas altas taxas de acumulação. Por outro lado, também são indispensáveis os elementos conjunturais do mesmo processo para uma compreensão da atual condição do capitalismo global, ou da globalização econômica.

Ainda com o intuito de explicitar o campo em que se pretende desenvolver a reflexão aqui proposta, se faz necessário observar que, paralelamente ao processo de expansão capitalista, um modelo cultural se impõe à esfera econômica, a ocidentalização. Foi uma forma de dominação total e totalitária empreendida pela Europa ocidental, que em 1880 ocupava 35% da superfície e controlava 55% do globo. Trata-se da imposição econômica, política, social e cultural e de um padrão de consumo (cf. Latouche: 1996).

A simultaneidade dos fenômenos de globalização e de ocidentalização leva à percepção de que se trata na realidade de um mesmo processo histórico. Assim a análise dos elementos econômicos constitutivos do capitalismo, de longa duração, revela uma face da globalização. Outra é o consumo em escala crescente e contínua, como um dos pilares da economia capitalista. Sendo assim ele garante a continuidade do processo de expansão capitalista e, portanto, a própria globalização econômica.

O tema consumo já foi amplamente estudado por diversas áreas, das ciências sociais ao marketing. Na presente pesquisa o interesse volta-se para o estudo da relação entre o consumo e o desenvolvimento do capitalismo.

O consumo pode ser de produtos necessários ou supérfluos. Os alimentos e o vestuário são obviamente indispensáveis, entretanto, pode-se comer para saciar a fome ou participar de um banquete de iguarias exóticas; vestir-se para proteger-se do frio ou para acompanhar a última moda de Paris, Roma ou Nova York.

No momento histórico em que a crise ambiental planetária e de esgotamento do modelo de produção capitalista podem ameaçar em futuro próximo a vida humana na Terra, se faz necessário e urgente refletir como o padrão de consumo contribui para esta realidade. Se a globalização da economia ocorre como um processo histórico com elementos de longa duração, há certamente também, ao longo da expansão capitalista, a construção de um padrão de consumo que pode tanto explicá-la, como também à própria crise ambiental que se vive.

O historiador francês Fernand Braudel (1902-1985) em seus estudos do período pré-industrial – séculos XV a XVIII – já apontava, na obra *Civilização material, economia e capitalismo*, para o início do processo de agudização do consumo desenfreado de produtos de luxo.

Segundo ele o luxo também se transforma ao longo do tempo, mas a sua presença é constante e explicita o desnivelamento social entre classes e entre povos. Braudel concorda com os autores que vêem o luxo como um elemento essencial de crescimento econômico, porém ele acredita também

“que um certo luxo foi, não pôde deixar de ser, uma verdade, uma doença do Ancien Régime, foi, durante a Revolução industrial e continua por vezes a ser uma utilização injusta, má, brilhosa, antieconômica dos ‘excedentes’ numa sociedade inexoravelmente limitada no seu crescimento” (Braudel, 1995: p. 164).

Investigar a relação entre o consumo e o desenvolvimento capitalista e, sobretudo, o consumo de produtos supérfluos ou de luxo nos leva a entender melhor como chegamos ao esgotamento do modelo construído historicamente e que traz em si a gênese de sua auto-destruição – como já o disseram importantes pensadores como Marx, por exemplo.

Inicialmente, para desenvolver este estudo, é preciso resgatar o conceito de *cultura material*. Desde a reformulação da historiografia promovida por Marc Bloch e Lucien Febvre, um longo processo se sucedeu. Assim novos objetos, metodologias e fontes foram sendo incorporados ao trabalho do historiador. Como decorrência, ampliou-se consideravelmente o campo da pesquisa histórica, possibilitando uma pluralidade de abordagens, entre elas uma que nos interessa particularmente: a história da cultura material.

Para Jean-Marie Pesez (1998) o tema *cultura material* já existia desde o século XIX, mas de maneira indefinida. O movimento *des Annales* de Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel foi o precursor da história da cultura material propriamente dita. Marc Bloch, por exemplo, estudioso da medievalidade francesa, afirmava que, sendo a população medieval essencialmente formada por camponeses produtores, seria importante para a historiografia indagar o que eles produziam, em que quantidade e com quais utensílios e técnicas.

A história da cultura material, então, estuda os objetos materiais em sua interação com os aspectos mais concretos da vida humana, desdobrando-se por domínios históricos bem delimitados como: utensílios, hábitos alimentares, vestuário, moradia e técnicas. Obviamente, examina-se não o objeto tomado em si mesmo, mas sim as formas de utilização, as

apropriações sociais, as técnicas envolvidas em sua manipulação, a sua importância econômica, social e cultural.

Na obra de Braudel os termos *civilização* e *cultura* aparecem como sinônimos, pois expressam a mesma idéia: “uma maneira de viver”. Assim quando ele utiliza o conceito “civilização material”, já no título de uma obra, está referindo-se à “cultura material”. Nesta obra, Braudel se propõe a estudar a vida material, ou seja, “estudar as coisas – os alimentos, as habitações, o vestuário, o luxo, os utensílios, os instrumentos monetários, a definição de aldeia ou cidade –, em suma, tudo aquilo de que o homem se serve ...” (Idem, p. 19).

Na presente pesquisa, adotou-se também o tratamento braudeliano à cultura material, que estuda os produtos culturais priorizando sua dimensão concreta, embora esses também estejam articulados ao mundo simbólico.

O estudo pretende comprovar a hipótese de que a globalização econômica capitalista somente foi possível devido à expansão concomitante de uma determinada cultura material, com patente ocidental, cuja sustentação se dá nos hábitos cotidianos. Uma vez caracterizada a globalização da cultura material ocidental, a investigação deverá demonstrar a relação desta com a crise ambiental planetária por que passa a humanidade.

No interior da cultura material optou-se em observar os diferentes tipos de consumo incluindo nesta análise a espacialização do mercado consumidor como inerente à própria expansão capitalista. Assim sendo o objeto da pesquisa se define como a análise da expansão do consumo capitalista na longa duração – os últimos cinco séculos –, buscando a correlação entre o desenvolvimento econômico em sua interface com a cultura material e os níveis de consumo dos produtos necessários e supérfluos. Devido à enorme abrangência dos hábitos de consumo, a pesquisa delimita seu objeto ao consumo dos produtos do vestuário, uma vez que esse caracteriza bem a velocidade e a variedade do consumismo no mundo capitalista.

A atual fase dessa investigação está se desenvolvendo a partir da análise da obra, já citada, de Fernand Braudel, uma vez que este autor estudou de forma bastante abrangente aspectos do consumo de vestuário e moda no período pré-Revolução Industrial.

Ele próprio justifica este estudo: “a história das roupas é menos anedótica do que parece. Levanta todos os problemas, os das matérias-primas, dos processos de fabrico, os custos de produção, da fixidez cultural, das modas, das hierarquias sociais” (BRAUDEL, 1995: p. 281).

Os modismos, segundo Braudel relata, demoraram a surgir e quando ocorreram foram sempre caprichos de um pequeno número de pessoas. Uma primeira grande transformação no

vestuário ocorreu com a introdução da seda e das peles pelas Cruzadas, nos séculos XII e XIII. Outra “grande mudança é a que, por volta de 1350, encurta de uma assentada o vestuário masculino, de maneira escandalosa aos olhos das pessoas sensatas, dos idosos, dos defensores da tradição” (Idem, p. 286).

Apesar da reação conservadora, Braudel constata que “doravante a regra da mudança no vestuário vai impor-se na Europa” (Idem, p. 286). E vão surgindo modismos como o suntuoso traje italiano do Renascimento, ou o traje francês que quase uniformiza o continente europeu. Assim “nos quatro cantos da Europa das Luzes, a moda é lançada, a partir de Paris, por bonecas manequins que cedo aparecem” (Idem p. 288). Daí, por exemplo, a generalização de anquinhas, contudo com algumas adaptações locais, ressalta Braudel.

Outra característica da moda é o fato de ela provocar indignações e até piadas, uma vez que a vestimenta distingue as pessoas. O que pensar de uma pessoa que usa uma roupa considerada inadequada para aquele lugar e momento? Então ocorriam situações inusitadas, quando uma pessoa visitava outra região. Braudel conta várias dessas histórias, como a de um padre italiano que, ao chegar em Lyon, sentiu-se tão deslocado e vítima de zombeteiros que teve de trocar-se. O novo traje, mais ao costume dos franceses, o fez afirmar: “já nem me julgava padre” (Idem, p. 291).

Braudel constata que no século XVII as modas duravam em média dois anos. Mas a mudança da moda apenas capricho e frivolidade? Braudel acredita que há outros dois motivos. O primeiro refere-se à necessidade de novos sinais sociais indicativos para o enriquecimento da nascente burguesia que lhe permitia adquirir as vestimentas da nobreza. Por isso “com toda a evidência, a pressão dos seguidores e imitadores não cessa de animar a corrida” (BRAUDEL, 1995: p. 292-3). E Braudel percebe uma dinâmica econômico-social se estabelecendo: os novos-ricos impulsionam a moda e são impulsionados por ela, visto que se enriquecem com o comércio da moda.

O outro motivo de modismos, detectado por Braudel, é o conflito de gerações, pois “a moda é também a busca de uma nova linguagem para derrubar a antiga, uma maneira de cada geração renegar a precedente e distinguir-se dela” (Idem, p. 293).

Braudel conclui, apresentando uma síntese deste aspecto da cultura material, relacionando o vestuário ao comércio de tecidos. A

“história do traje deve levar-nos até uma história dos têxteis e dos tecidos, a uma geografia da produção e das trocas, ao trabalho lento dos tecelões e às crises regulares que a penúria das matérias-primas arrasta. A Europa tem falta de lã, de algodão e de seda; a China, de algodão; a Índia e o Islã, de lã fina; a África Negra compra tecidos estrangeiros no litoral atlântico ou do oceano Índico, a preço de ouro ou de escravos” (Idem, p. 294).

No segundo volume da obra *Civilização Material, Economia e Capitalismo – séculos XV a XVIII* (1996), o historiador inicialmente as transformações do comércio em geral. Desde as feiras até uma importante transformação, dado o interesse dessa pesquisa: as lojas. Surgidas nas oficinas dos artesãos, inicialmente abertas nos intervalos das feiras, as lojas passam depois a funcionar quase constantemente, tornando-se uma concorrência às feiras. Contudo a grande transformação se opera, preponderantemente a partir do século XIII, ao menos na França e na Alemanha: a sedentarização dos mercadores itinerantes. Surgem as lojas, que com o passar do tempo, vendem de tudo a seus clientes inclusive o crédito. Formam uma verdadeira rede de fornecedores e incrementam o transporte. Com o surto lojista nos séculos XVII e XVIII, criam-se novidades como as vitrines. O crescimento deste setor, segundo Braudel, demonstra o desenvolvimento geral da economia. Então ele faz um balanço da situação, estabelecendo três aspectos do fenômeno do sucesso lojista:

“o aumento da população e o desenvolvimento da vida econômica a longo prazo, o desejo do ‘comerciante varejista’ de ter estabelecimento próprio, determinaram o grande aumento dos intermediários da distribuição. (...) a fixidez dos pontos de venda, a abertura prolongada, a publicidade, os regateios, as conversas devem ter revertido em favor da loja. (...) mas a razão principal do surto lojista foi o crédito. Acima das lojas, o atacadista concede crédito: o varejista terá de pagar o que hoje chamaríamos duplicatas. (...) [e] o próprio lojista concede crédito aos clientes, mais ainda aos ricos do que aos outros” (BRAUDEL, 1996: p. 56-7).

Contudo, as lojas não estão sozinhas, remontando à Antiguidade, as grandes feiras chegam por volta de 1800 como aquelas que “mobilizam a economia de vastas regiões; por vezes todo o Ocidente ali se encontra, aproveitando liberdades e franquias oferecidas que temporariamente eliminam o obstáculo das várias taxas e pedágios” (Idem, p. 65). Além de centro comercial temporário, elas são também uma festa e não somente isso, há também o encontro de grupos de atores, de jogos de azar, enfim “é o ruído, o alarido, a música, alegria popular, o mundo de pernas para o ar, a desordem, por vezes o tumulto” (Idem, p. 67).

Braudel faz várias descrições de grandes feiras, não somente elas atraem os grandes mercadores, seus produtos e créditos, mas também os camponeses lá estão, seja para vender ou comprar algo ou para se divertir um pouco. Braudel faz a seguinte paralelo:

“Comparando uma feira com uma pirâmide, ela é disposta em degraus desde as atividades múltiplas e miúdas, na base, referentes às produções locais, em geral perecíveis e baratas, até as mercadorias de luxo, vindas de longe e caras, sendo o vértice constituído pelo ativo comércio do dinheiro sem o qual nada se mexeria, ou pelo menos não se mexeria com a mesma velocidade. Ora, a evolução das grandes feiras bem parece ter sido, grosso modo, dar vantagens ao crédito em relação à mercadoria, ao vértice em relação à base da pirâmide.” (BRAUDEL, 1996: p. 73)

As feiras apresentam fluxos e refluxos de crescimento, como a de Champagne cujo apogeu se deu por volta de 1260, mantendo-se até 1320 e a feira de Piacenza do período de 1579 a 1622. Interligadas as feiras mercantis e as de crédito formam circuitos. Assim mercadorias, dinheiro e crédito são apanhados em movimentos giratórios da economia. Por isso mesmo, a partir de 1622 nenhuma feira estará mais no centro da vida econômica da Europa, pois a de Antuérpia “organiza-se como praça permanente de comércio e dinheiro” (Idem, p. 74). E sobrevivem as feiras das regiões de economia mais decadente ou estagnada como Frankfurt, Leipzig e aquelas que surgem no Novo Mundo. A presença delas revela que a saúde econômica da região não vai bem.

Além da presença de uma nova concepção de fornecimento de crédito, outro fator contribui para o desaparecimento das feiras de crédito e da decadência das feiras mercantis: são as medidas governamentais que não apóiam mais as iniciativas que requerem isenções.

Surge também como negócio lucrativo para os grandes comerciantes a armazenagem de produtos. Depósitos, entrepostos, armazéns e celeiros tendem a substituir com sua regularidade as atividades intermitentes das feiras.

O mercador atacadista se generaliza pela Europa do século XVIII e Braudel explica os motivos deste crescimento: “o que obriga a armazenar é o ciclo demasiado longo da produção e da vida mercantil, a lentidão das viagens e das informações, os imprevistos dos mercados distantes, a irregularidade da produção, o jogo ingrato das estações” (Idem, p. 78).

O estudo de Braudel demonstra outro aspecto relevante para pensar a economia da época: a carestia. Essa apareceu em diferentes momentos e regiões, como na Espanha desde a época de Carlos V e em Veneza no século XVIII. Se a subida de preços traz problemas, principalmente para os mais pobres e até para os menos pobres, parece ser benéfica para outros. A subida de preços parecia positiva, pois demonstrava uma grande procura e, portanto, um grande poder de compra. E por isso na mentalidade de época eram consideradas como sinal seguro de economia florescente

Braudel discute as posições tradicionais dos economistas que vêem uma relação direta entre o mercado e o consumo, a oferta e a procura, a chamada “lei de mercado”. Pensadores de diferentes épocas, como Adam Smith, Jean-Baptiste Say, John Stuart Mill, Charles Gide e Henri Guitton proclamaram a mesma máxima com diferentes enunciados. Somente em 1930, Keynes derruba com esforço esta concepção.

Segundo Braudel, para o período do século XV a XVIII, a regra não é realmente válida. Isso porque ainda não havia se constituído um sistema econômico que garantisse definitivamente o poder de compra da classe trabalhadora. Ele concorda com F. J. Fisher ao afirmar que a relação oferta e procura no *Ancien Régime* se caracterizava por “uma agricultura freada pela oferta e uma indústria freada pela procura” (Idem, p. 155), dados os baixos índices de assalariamento e dos salários quando esses já tinham sido introduzidos.

Braudel ainda recorre a Michelet para descrever a situação:

“A oferta crescente, capaz de fabricar integralmente necessidades novas, é o futuro, a ruptura que a mecanização tornou possível. Ninguém disse melhor do que Michelet quanto a Revolução industrial foi, na verdade, uma revolução da procura, uma transformação dos ‘desejos’, para empregar uma palavra de Turgot que não deve desagradar a alguns filósofos atuais. Em 1842, escreve ele [Michelet], ‘a fiação estava em apuros. Sufocava; os armazéns estavam abarrotados, não havia vendas. O fabricante, aterrado, não ousava trabalhar, nem parar de trabalhar com aquelas máquinas devoradoras. [...] Os preços baixavam em vão; novas baixas, até que o algodão caísse para seis soldos. [...] Aí, houve o inesperado. Estas palavras, seis soldos, foram um alerta. Milhões de compradores, gente pobre que nunca comprava nada, puseram-se em movimento. Viu-se então que imenso e poderoso consumidor é o povo, quando se volta para isso. Os armazéns esvaziaram-se num instante. As máquinas começaram a trabalhar furiosamente. [...] Foi uma revolução na França, pouco notada, mas grande; revolução na higiene, embelezamento súbito do lar do pobre; roupa de vestir, roupa de cama, de mesa, cortinas: classes inteiras, que nunca as tiveram desde a origem do mundo, passaram a tê-las.” (Idem, p. 155).

O belo trecho de Braudel/Michelet expõe o que se deseja aqui concluir sobre o período pré-industrial. Os três níveis da economia: o consumo, a produção e a circulação de mercadorias desenvolvem-se lentamente e conectados entre si.

Apresentou-se até aqui parte do processo de transformação no consumo europeu de produtos para o vestuário: um consumo crescente na quantidade e qualidade de produtos necessários e supérfluos.

Neste contexto, dois elementos, dentre os vários estudados por Braudel, devem ser entendidos como incrementos ao consumo: o uso de bonecas manequins e o das vitrines nas lojas. Trata-se de estratégias de propaganda da moda, gerando “novas necessidades” e o aumento do consumo, como bem disse o historiador. Assim surgiu o fenômeno do modismo

do vestuário e, com ele, o consumismo que passa a caracterizar a sociedade européia e aquelas sob seu domínio.

Pelo exposto, pode-se afirmar que o modismo é um elemento importante da cultura material européia capitalista e termômetro do desenvolvimento do próprio capitalismo, cuja produção quintuplicou – entre os séculos XV e XVII – para atender um mercado consumidor ainda que não plenamente constituído.

Estudar esse processo histórico do consumo progressivo e que se prolonga no tempo e no espaço como uma das colunas de sustentação do capitalismo é o que se propõe a seqüência da presente pesquisa.

Referências bibliográficas

- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo – séculos XV a XVIII**. Trad. Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1995, 1º vol.; 1996, 2º vol.
- LATOCHE, Serge. **A ocidentalização do mundo**. Trad. Celso M. Paciornik. Petrópolis: Vozes, 1996, 2ª ed.
- PESEZ, Jean-Marie. “História da cultura material” in LE GOFF, Jacques. **A história nova**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 4ª ed.